

DALCÍDIO JURANDIR — A ESCRITA DO MUNDO MARAJOARA NÃO É REGIONAL, É UNIVERSAL.

Gunter Karl Pressler
Universidade Federal do Pará

Resumo: *Dalcídio Jurandir (1909-1979) publicou de 1941 a 1978 dez romances que “formam um panorama amazônico sem paralelo na literatura brasileira” (Pedro Maligo) e recebeu dois dos mais importantes prêmios literários brasileiros: 1941 e 1972. O autor permanece ignorado pelos críticos literários e classificado como “regionalista menor”. A obra de Jurandir, um dos mais fascinantes prosadores brasileiros da Modernidade está à margem do cânone da literatura nacional. Observa-se um interesse crescente para a obra de Jurandir, estimulado, de um lado, pela complexidade da estrutura narrativa, de outro, pela discussão sobre a historiografia da literatura brasileira.*

Palavras-chave: *Dalcídio Jurandir, literatura amazônica, estrutura narrativa.*

Abstract: *From 1941 and 1978, Dalcídio Jurandir, a native of the state of Pará, published ten novels “that were to comprise a unparalleled Amazonian panorama” (Pedro Maligo) and was a winner of two of the most longest-established prizes in Brazil in 1941 and 1972. Jurandir remains largely ignored by literary critics, but classified like “regional author” the second class. The fascinated modern work of Jurandir lives outside the classic brazilian literature. It’s interesting to see on the one hand, a new attention for a work and his complicated structur of narrative and, the other hand, his significati for a brazilian literature history.*

Key-words: *Dalcídio Jurandir, amazonian literature, narrative structure.*

Falar sobre a obra de Dalcídio Jurandir significa não só rever a escrita da história da literatura brasileira— pensando no termo “atualização” (Walter Benjamin) e na Estética da Recepção (H.R.Jauss) – mas também ser consciente das particularidades da obra: a estrutura do romance moderno. A reminiscência a Dalcídio Jurandir caracteriza-se melhor como rememoração: tirar do esquecimento da história da literatura, da história dos vencedores, a história dos vencidos (Walter Benjamin), quer dizer, um autor chamado “regionalista menor”. Dalcídio Jurandir faz parte do grito do absurdo na literatura moderna brasileira: através do grito do personagem Eutanázio em *Chove nos Campos de Cachoeira*, primeiro romance do “Ciclo do Extremo Norte”, escrito 1929, publicado 1941. Jurandir foi um leitor atento e apaixonado do romance do século XIX, particularmente do romance russo. Envolvido com o ideal da “objetividade” do estilo realista/naturalista, mas sensível ao mundo subjetivo e psicológico de Dostovieski, Jurandir busca seu próprio caminho na poesia do “dar a ver” (João Cabral de Melo Neto), criando na sua obra uma visibilidade externa (*Chove nos campos de Cachoeira, Três Casas e um Rio, Marajó*, etc. Podemos chamar todos os títulos do “Ciclo do Extremo Norte”), por “necessidade” cultural-ideológica (o programa literário) e uma

visibilidade interna (humana, universal), na verdade, em busca de uma terceira visibilidade; a mais característica a visibilidade poética, a da palavra.

Nos não festejamos um autor paraense ou “regionalista”, nós pensamos no grande autor da literatura universal que nasceu e viveu na Ilha de Marajó, no Estado do Pará. Não é orgulho provinciano, é valorização da grandeza dele, vencido até agora na história da literatura brasileira e, ela vencida no *corpus* da literatura universal.

Dalcídio Jurandir faz parte do grito do absurdo na literatura moderna brasileira: através do grito do personagem Eutanázio em *Chove nos Campos de Cachoeira*, primeiro romance do “Ciclo do Extremo Norte”, escrito 1929, publicado 1941. Jurandir foi um leitor atento e apaixonado do romance do século XIX, particularmente do romance russo. Envolvido com o ideal da “objetividade” do estilo realista/naturalista, mas sensível ao mundo subjetivo e psicológico de Dostovieski, Jurandir busca seu próprio caminho na poesia do “dar a ver” (João Cabral de Melo Neto), criando na sua obra uma visibilidade externa (*Chove nos campos de Cachoeira, Três Casas e um Rio, Marajó*, etc. Podemos chamar todos os títulos do “Ciclo do Extremo Norte”), por “necessidade” cultural-ideológica (o programa literário) e uma visibilidade interna (humana, universal), na verdade, em busca de uma terceira visibilidade; a mais característica a visibilidade poética, a da palavra. “A literatura, diga-se, é espaço privilegiado para ler os desconcertos do mundo, ela abre fissuras e faz nosso olhar desprender-se da monotonia, da massificação da informação e da pretensa objetividade dos discursos oficiais”¹.

O que significa “cânone nacional” ou “autor regionalista”? Tudo, absolutamente tudo começa num local menor que o regional, num local — aí, o indiano Homi K.Bhabha, professor na Universidade de Chicago, situa a interrogação: *O Local da Cultura* (1994/98). Nesses lugares que ele denomina “entre-lugares”. O herói, personagem central Eutanázio, morre para dar vida ao Alfredo, herói dalcidiano — os heróis dos romances estão na ‘vertical’ da sociedade. Esse vertical rompe o horizonte de hegemonia do nacional. Essa situação na vertical é, em outras palavras, um “entre-lugar”. “O que é teoricamente inovador e politicamente crucial [é] focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade” (Bhabha, 1998: 20). Quem é realmente paraense, amazônida? Um descendente português com ou sem formação clássica (no ginásio Paes de Carvalho)? O descendente japonês ou libanês? O ribeirinho mulato/mestiço? Aquele da família humilde transformado em deputado até presidente do senado da república com residência na praia de Cumbuco, perto de Fortaleza, e bens, não sabe onde? Esse enriqueceu demais com cargos públicos é representante da cultura amazônica? Ou aquele Secretário Tesoureiro da Intendência Municipal de Gurupá e depois 1º Oficial da Diretoria de Educação e Ensino, da Interventoria de Estado? Nunca enriqueceu nos seus vários cargos públicos, comia não só metaforicamente “peixe frito”. Ao contrário, ele precisava de um empréstimo para poder enviar um exemplar da sua narrativa sobre o povo marajoara, enviar para a capital cultural do país? E ganhou um prêmio nacional.

Eutanázio e Alfredo também não são habitantes dos centros, mas a experiência individual deles, como personagens, envolvem “todo o árduo contar da própria coletividade” (F.Jamson apud Bhabha, 1998: 200). “A sondagem existencial” – escrevi no outro contexto² – “é mais do que uma introspecção de Eutanázio; é a sondagem

existencial de um grupo de seres humanos: os ribeirinhos do interior do Pará, o amazônida, os habitantes da Ilha de Marajó – mas no modo de apreensão artística de Jurandir, reconhece-se a ligação dialética entre o coletivo e o individual. O coletivo [...] concretiza-se no indivíduo como indivíduo social e, com isso, depende do social que é uma questão do poder econômico e político; o abandono do interior pelo dono do interior que vive na cidade grande, na metrópole [...] O grito na obra de Dalcídio Jurandir é [...] o grito existencial diante do vazio do abandono, do abandono do ribeirinho, o grito de um sujeito saindo da “existência *inautêntica*, de Heidegger, mergulhada no anonimato coletivo”.

Intenção poética e composição da obra

O que diferencia uma grande obra literária de uma obra menor? Certamente em primeiro lugar a sua sobrevivência. Mas o que segura a sua sobrevivência? Muitas narrativas orais, canções populares e poemas recitados sobrevivem de geração em geração pelo fato da tradição oral. Uma obra escrita, tanto um poema épico quanto um romance/novela de cavalaria sobrevive como artefato (livro) e como referência em poéticas e histórias da literatura; sobrevive pelo fato simples da releitura em que o leitor posterior da obra descobre mais afinidade com a obra do que o próprio contemporâneo da obra ou, em outras palavras, o avanço histórico e suas mudanças culturais, técnicas e sociais permitem o leitor posterior compreender neste seu instante a genialidade daquela obra, sua vanguarda desconhecida.

Como se trata de uma obra de arte literária, o leitor percebe na poeticidade e na composição sua beleza e seu valor estético. A pergunta central que já fez Aristóteles querendo entender o que a obra de Homero tinha de particular para ser uma obra então clássica, constata:

“a maioria dos poetas usa os métodos do historiador.

Também a esse respeito Homero parece, como já o descrevi, divinamente inspirado mais do que todos os outros poetas, pois, embora a Guerra de Tróia tivesse um começo e um fim, ele não tentou pô-la toda em seu poema; teria sido um assunto demasiadamente vasto para ser abordado de uma só vez, e, se ele tivesse limitado a sua duração, a diversidade dos acontecimentos o teria tornado muito complicado. O que ele fez foi escolher uma parte da história e introduzir muitos incidentes de outras partes como episódios” (cf. *Poética*, cap. 23).

Realmente, a duração dos acontecimentos da própria narração é muito curta em comparação aos fatos narrados (vale para a *Iliada* e para a *Odisséia*). O critério para Aristóteles é a composição da obra; as epopéias de Homero convencem e sobrevivem até hoje como os modelos arquetípos do gênero. E, as epopéias homéricas têm uma outra característica significativa da literatura: elas festejam, indubitavelmente, a soberania dos gregos, mas não menosprezam os troianos. Séculos depois – o local do “primeiro” grande “evento” cultural estava na Ásia Menor, hoje a Turquia; não existia mais depois da guerra, só continuava na memória – a vencida cultura renasce com o herói Enéias que funda depois da sua viagem Roma. Uma metrópole, um Império de muitas culturas, uma “civilização”, não é uma nação, mas o início de leituras “nacionais”, embora referência da universalidade. Uma contradição desde o início. “Os termos ‘Estado-nação’ e ‘literatura’, na acepção moderna do segundo, são temporalmente desiguais [...] o conceito moderno de literatura, como exploração e

expressão do infinito contido na subjetividade individual, só se formula nas décadas finais do século XVIII” (LIMA, 1996: 33).

Voltamos à composição. Três características marcam a obra de Dalcídio Jurandir como obra literária *sui generis*: 1) a linguagem altamente poética. Sobre isso outros já escreverem e vão falar: Rosa Assis (1992), Benedito Monteiro (1985); 2) o recurso lingüístico moderno: o discurso indireto livre (veja bem no início do *Chove nas campos de Cachoeira*, o encontro Eutanázio – Dona Gemi) que Mikhail Bakhtin (1999) conceitua como fenômeno de pensamento e 3) o tempo da narração/narrativa: somente 3 a 4 meses passam, na verdade, só 4 dias constroem o plano da narração do *Chove*, 16 dos 20 capítulos e poucos anos para todo *Ciclo* de dez romances. Parece que Alfredo não cresce. No detalhe, observa-se a arte de lidar com o tempo, p.e. em *Três Casas e um Rio*: em seis linhas resume a história do fogo e Mariinha, um assalto no meio de uma introspecção, depois em intervalos, o leitor conhece toda a história e sua importância para Alfredo e para a composição.

Como, então, situar a obra dalciana no contexto do romance moderno? Em geral, o que a interpretação formal ou afirmativa demonstra é ser fiel do cânone estabelecido e confirma e prolongar um juízo estético já dado, p.e. Carlos Drummond é um grande poeta, J.M. Machado de Assis é um grande romancista. Muitas vezes, as reclamadas interpretações são descrições que “falam liricamente sobre lírica, não distinguindo claramente o metanível do nível-objeto, o que torna os seus enunciados não susceptíveis de verificação” (KLOEPFER, 1984: 25).

Da mesma maneira funciona um outro pré-conceito; Dalcídio Jurandir é um autor regional, é um regionalista menor em vista dos grandes regionalistas que já entraram no cânone nacional: Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. Um intérprete e historiador menor aceita a classificação e – no caso de um historiador ou crítico da região – enfatizam o escritor como “nosso” grande autor paraense, já não há condições de contestar teoricamente a canonização. Acontece que, muitas vezes, um crítico de fora (p.e. Pedro Maligo, carioca na Universidade de Michigan/EUA) reconhece uma poeticidade na obra além das características regionais (marajoaras, paraenses e amazônicas). A cor local, regional e nacional caracteriza a geografia dos acontecimentos, dos personagens e dos autores, mas não são critérios estéticos ou genéricos. A essência da história, dos conflitos, dos sentimentos e pensamentos expressa a qualidade humana como tal.

Finalizando: 1) Separar a linguagem da realidade permite duas percepções: a realidade que vivemos no presente que se torna logo imaginária, pois estamos no eterno presente da memória. A linguagem permite a recriação da realidade como imaginária. Facticidade e imaginação se confundem. E a linguagem poética há uma dinâmica própria, as imagens se confundem com a musicalidade enquanto leitura (trechos de *Marajó*; Luiz de Breves).

2) A temporalidade do relógio e do calendário gera uma estrutura simbólica da “comunidade imaginada” que funciona como o enredo de um romance realista. Enquanto o tempo da interseção, o psicológico irrompe e questiona esta estrutura simbólica e dá voz a “instabilidade oculta” (F.Fanon) do discurso dominante da História. Possibilitam, em termos benjaminianos, a rememoração e a atualização.

O tropo da narrativa dalcidiana não é nem a idéia do realismo e do social (embora autodeclarado e visível), nem o regional-folclórico do norte, do amazônica (veja os

intérpretes), mas uma estranha e fascinante temporalidade do um e do outro: do universal e do local. A sua obra é grande demais.

Referências Bibliográficas:

- ASSIS, Rosa. *O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: UFPA 1992.
- BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC 1999.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad.: Myriam Ávila, Eliana L.de Lima Reis e Gláucia R.Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG 1998 (Original de 1994) (Coleção Humanitas).
- JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Ed. Crítica, org. Rosa Assis. Belém: UNAMA 1998
- JURANDIR, Dalcídio. *Três Casas e um Rio*. Belém: CEJUP 1994 (3.^a ed.).
- JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. Belém: CEJUP 1992 (3.^a ed.).
- KLOEPFER, Rolf, *Poética e Linguística*. Coimbra: Almedina 1984.
- LIMA, Luiz Costa, “Literatura e Nação: Esboço de uma Releitura”. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada* (Rio de Janeiro) No.3/1996.
- MALIGO, Pedro. *Land of Metaphorical Desires. The Representation of Amazonia in Brazilian Literature*. New York, Frankfurt a. Main, Paris: Peter Lang 1998 (Wor(1)d of Change. Latin American and Iberian Literature, 21).
- MONTEIRO, Benedicto. *O Cancioneiro do Dalcídio*. Belém: Falangola; Rio de Janeiro: PLG Comunicação 1985.
- NUNES, Paulo. “Lusopindoramaruanda ou alguns Tecidos da Terra *Brasilis*”. In: *Estudos* (Goiânia) v.27/no.2, 2000.
- NUNES, Paulo. “Aqunarrativa: uma Leitura de *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. In: Id./JosseFares, *Pedras de Encantaria*: Belém: UNAMA 2001.
- PRESSLER, “Um Metadiscorso Literário ... sobre a Arte de Escrever e Narrar, incluindo um Conto sobre uma Pobrezinha Nordestina perdida e morta numa Grande Cidade do Sudeste: *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector”. In: *Revista USP* (São Paulo) no. 46/2000, 80-87.

¹ NUNES, 2000: 316. Sobre essa questão diante da recepção da obra de D.Jurandir recomendo a tese de mestrado publicada de Paulo Nunes, 2001.

² PRESSLER, 2000: 82.